# AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS

ANA CLEIDE NERY DE SOUZA

RESUMO

O presente artigo pretende investigar o processo de alfabetização e a importância do ensino/aprendizagem com alunos que tem dificuldade de aprendizagem. Entretanto, o assunto discute sobre a análise de vários autores a relação da prática pedagógica deixando clara a necessidade de que o docente deve manter-se bem qualificado para que no âmbito escolar possa oferecer uma proposta de qualidade que auxilie no desenvolvimento cognitivo do aluno para atuar na sociedade, como um ser único, respeitando, valorizando e que torne agradável o ângulo dos problemas com ferramentas que darão partida para novos horizontes. O professor como mediador crie alternativas diferenciadas através de experiências que favoreçam interações entre alunos, nas quais contemple as diversas situações de aprendizagem como uma expectativa de confrontar o fracasso escolar nas séries iniciais.

Palavras-chave: Aprendizagem; Construção; Qualificação; Dificuldades; Planejamento.

## INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é a fonte de conhecimentos para ampliar e descobrir as causas que favoreçam ou desfavoreçam o desenvolvimento intelectual do aluno visando um reajuste ou uma flexibilização dos programas anuais pelos trabalhos de diversificação, ou seja, da trajetória, das posições dos alunos.

O objetivo principal este trabalho é visar a aprendizagem no processo de alfabetização com ferramentas adequadas para o docente utilizar com os alunos que apresentam dificuldades nas séries iniciais, e assim garantir uma ação docente competente e comprometida com as necessidades e exigências da sociedade. Este artigo tem sua metodologia baseada na pesquisa bibliográfica, que abrange informações, pesquisas, interpretações de livros, através de estudos de vários autores que buscam uma ação positiva e tem como objetivo conhecer algumas contribuições científicas de autores da área educacional. Justificando que a elaboração desta obra servirá como alicerce para futuros pesquisadores do setor educacional que desejam conhecer os problemas e as dificuldades que encaminham os alunos para um deslize no baixo rendimento escolar, a falta de compromisso e delinquência que leva aos altos níveis de repetência só propiciam uma natureza e violência e criminalidade. Deixa um alerta da realidade provocada pela desigualdade, pois as medidas que darão força para serem combatidos esses fatores é buscar tanto os professores, quanto os alunos, para criarem possíveis estruturas que venham combater ou reduzir o fracasso escolar.

Portanto, é uma análise dos problemas e implicações no decorrer pedagógico de alunos em processo de alfabetização nas séries iniciais, em virtude do grande número de clientela nas escolas com dificuldades de aprendizagem, existem diversas causas que impedem os alunos de acompanhar o que lhes ensinaram.

## O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Considerando o contexto escolar, nos deparamos com práticas que pouco contribui para que o objetivo central seja alcançado, pois os discursos ideológicos são práticas pautadas, comparando a realidade social e cognitiva do aluno como sendo os principais alvos do seu sucesso ou fracasso na instituição. É preciso lembrar que estão sendo criados para educação brasileira, reformas e projetos onde a visão é socorrer as “carências” que esse público apresenta. Portanto, para onde vai à qualidade da educação?

Patto (2007) diz que:

> O que queremos é sublinhar a regra: a improdutividade dos ensinos Fundamental e Médio como principal produto da escola pública, há muito apontada na literatura especializada, atingiu proporções inaceitáveis. Nesse terreno, criam-se bolsas-família que têm como exigência a obrigatoriedade de frequência à escola das crianças das famílias beneficiadas, não importa a qualidade do ensino oferecido, e crescem programas educativos desenvolvidos por organizações nãogovernamentais que não concebem a educação como direito à formação intelectual – ou seja, à informação que fundamenta a reflexão e mobiliza a práxis –, mas ensinam, em chave assistencialista e à guisa de “inclusão social”, passos de capoeira, noções de algum esporte, padaria e confeitaria, arremedos de artesanato, às vezes nos próprios prédios escolares. (PATTO, 2007, p. 02).

Explorar a ideia de formar e encontrar reconhecimento em uma dimensão que a ética apresenta elementos que garantam o caráter das relações do professor com o aluno. Que durante uma aula ministrada não prestou atenção, se pergunta onde vamos parar com essa pressa que muitos estão ficando para trás, só aqueles que têm um pouco mais de habilidades estão conseguindo alcançar,

pois o professor precisa de novos sistemas de trabalho para garantir que toda a sua sala consiga atingir o agravo de entendimento, porque o sistema mudou salas cheias e mentes vazias.

Pois todo âmbito escolar deve ser revisto as formas de aplicar os métodos, que estes ofereçam ideias novas e garantam o controle do caminho de uma alfabetização adequada aos alunos, ou seja, se continua o disparate só serão empurrados para mais um resultado negativo sem obter sucesso gerando um resultado alarmante.

Segundo Ferreiro (2008):

Uma unanimidade nacional que na ausência de instrumentos para repensar a prática falida converteu-se em caça aos culpados. Ninguém escapou do banco dos réus: os alunos, por serem subnutridos, carentes, deficientes. A escola, por ser uma inexorável máquina de reprodução das relações de poder. O professor, por ser mal pago, mal formado, incompetente.

(FERREIRO, 2008, p. 04).

A aprendizagem dos conhecimentos é aplicada como sendo vinda da educação, pode ser trabalhada pelos alunos sob a orientação do professor no espaço escolar, sempre foi vista como produto terminado seguido de processo educacional pelo que diz respeito da desenvoltura cognitiva. Dentro e fora do ambiente escolar, acontece só aprendizagem de fato que está disponível e acessível para outros indivíduos que façam parte do contexto deste aluno.

Têm sido feito muitos estudos para compreender como se dá a aprendizagem, para esses resultados serem obtidos são feitas muitas interrogações, alguns aprendem com facilidade um determinado assunto, e, outros não entendem se é o mesmo professor que ministra a aula, isso só deixa intriga ao professor por que, não consegue atingir êxito com todos seus alunos.

Segundo Fonseca, a aprendizagem é uma função do cérebro. A aprendizagem satisfatória se dá quando determinadas condições de integridade estão presentes, tais como: funções do sistema nervoso periférico, funções de sistema nervoso central, sendo que os fatores psicológicos também são essenciais. (Stevanato et. al., 2003).

Então é visível que parte das funções do cérebro e, de todo um conjunto para se atingir o processo de aprendizagem, que envolve o sistema nervos, englobando também os fatores psicológicos.

A perspectiva de que a criança suporta as dificuldades, conforme Fernandez (1990) diz que:

A origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. O sintoma se encara em uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual. A criança suporta a dificuldade, porém, necessária e dialeticamente os outros dão o sentido. (FERNANDEZ, 1990, p. 30 e 31).

Quando se refere à família logo se pensa em uma estrutura formada por pai, mãe e filhos, a criança chega para formar uma família, esta justifica um padrão de cuidados, proteção, com o passar do tempo essa criança vai se desenvolvendo criando um espaço de confiança se concretizando na aprendizagem, mas por causa de algum problema genético ou frustração afetivo, emocional, que chegam afetar suas habilidades em aprender, isto é, bloqueiam a possibilidade de revelar o que se sabe.

Sem dúvida, que o desempenho depende do conhecimento do professor para se atingir os níveis de estrutura como conduta, relacionamento entre seu público inserindo uma relação de aprendizado mútuo. Segundo Tardif e Meirieu (1996, p. 15) “a capacidade de transferência jamais é dada de início: as aprendizagens ancoram-se em um contexto que, se for contingente para o professor, será mentalmente inseparável do conhecimento aos olhos do aluno, pelo menos em um primeiro momento”.

É importante que os professores procurem o melhor em termos de ensino, reflitam sobre sua prática e sobre o porquê dessa prática.

Para Perrenoud (2002):

O docente deve construir situações que ative a capacidade de raciocínio de seus discentes, utilizem de métodos diferentes para facilitar o desenvolvimento e as habilidades desses alunos, observando que cada dia ele tem uma forma de criar sua prática pedagógica, embora não garanta em todos os casos seu sucesso, mais que ele busque novas alternativas, ou seja, novos conhecimentos que propiciarão aos alunos análise e a utilização do saber. (PERRENOUD, 2002, p. 11-33).

Prevalece para um bom ensino/aprendizagem, a maneira como o professor expõe na sua prática seus novos saberes. E Borges (2004) confirma, dizendo:

A prática do professor é fundamental para se criar posturas relativas, é um conjunto de saberes que são renovados em sala de aula todos os dias. Isso acontece por meio da relação professor-aluno, nasce uma expectativa que aprendizagem seja de maneira específica e possa favorecer o aprendizado que insira na sociedade o indivíduo. (BORGES, 2004, p. 178).

Segundo Rios (2000):

É preciso pensar no que será possível fazer no espaço da escola para superar os problemas. Trata-se de pensar na parte que nos cabe, lembrando que, sendo parte ela está inegavelmente ligada a outros elementos componente de um todo. No que diz respeito à repetência, é que objeto de recuperação da aprendizagem está arraigado ao ensinar dos profissionais da escola pública, e, que tem impulsionado a perda por inserir o fenômeno pobreza. (RIOS, 2000, p. 70).

Para modificar o ambiente escolar é preciso analisá-lo como um todo. As técnicas que dão auxílio ao ensino público para chegar ao ponto que afeta o êxito profissional no decorrer da aprendizagem.

A tarefa que o professor enfrenta não é simples em apontar as causas, mas é necessário para se diagnosticar o processo que a criança passa. No entanto, apresenta fatores que levam a criança a desenvolver comportamentos inadequados perante a sociedade.

Segundo Weiss (2012):

A não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, mas a questão é, em si, bem mais ampla. Não pretendo ser acrítica, mas o âmbito do trabalho não comporta um aprofundamento exaustivo; a proposta é partir de uma visão abrangente para chegar, de modo mais objetivo, mais contextualizado, a uma resposta para queixa escolar. Considera-se fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. (WEISS, 2012, p. 19).

Nesta visão considera um padrão da busca significativa para alcançar o conhecimento com a transformação da postura dos envolvidos, se requer a participação, e, a interação com firmeza no cumprimento das exigências escolares.

Para Davis (1994):

Para compreender o processo pelo qual a criança se apropria da aprendizagem deve-se ativamente conhecer seu grupo social para interagir. Através da organização é preciso entender as principais características e finalidades que o indivíduo constrói gradativamente para lidar com operações cognitivas na interação com outros indivíduos, faz a criança ter um papel de aquisição na busca do saber nas diversas culturas. (DAVIS, 1994, p. 12 e 13).

Desse modo, fica explícito que a interação da criança com adultos modifica e promove seu crescimento intelectual. Para Rego (2001):

Desde o nascimento, o bebê está em constante interação com os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência, mas também medeiam a sua relação com o mundo. Os adultos procuram incorporar as crianças à sua cultura, atribuindo significado às condutas e aos objetos culturais que se formam ao longo da história. (REGO, 2001, p. 59).

O paradigma é que as crianças se apropriam de experiências familiares para estabelecer uma relação de diálogo com outras crianças, por isso ela sente a necessidade de estar em constante interação com o adulto para se interagir com o mundo e sua cultura.

Para que aconteça melhor o reconhecimento dos problemas que dificultam a aprendizagem das crianças é preciso saber escutar, observar seu comportamento e ver o que lhe aflige, Fernandez (apud Ferreira, 2008, p. 144) diz:

[...] O olhar, a escuta e a intervenção psicopedagógica deve estar direcionada a modalidade de aprendizagem em relação a modalidade de ensino, que surge das posições subjetivas entre o aprendente e o ensinante frente ao conhecimento, no decorrer da construção da história de vida do sujeito no ato de aprender, tendo como finalidade a autoria do pensamento, que é a descoberta da originalidade da diferença, da marca, e a partir daí, abri espaços para a criatividade (FERREIRA, 2008, p. 144).

O professor não pode ser visto como único responsável pelo processo ensino/aprendizagem das crianças, ele está no papel de ajudar e encaminhar os casos de dificuldades.

Segundo Paes e Scicchitano (2008):

Uma ação preventiva que pode ser desenvolvida está relacionada à atuação do psicopedagogo os cursos de formação de professores e na escola, junto ao professor, ajudando-o a conhecer e compreender melhor o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de leitura e da escrita de modo a desenvolver estratégias de trabalho pedagógico em sala de aula em que "as situações e as atividades de leitura e escrita tenham uma função e um sentido reconhecido pelo aluno" (PAES e SCICCHITANO, 2008, p. 156).

Para que o papel do educador se torne preciso, é importante que sua ação pedagógica tome duas práticas para direcionar o sujeito para o reconhecimento no seu meio social, e, suas relações impulsionem ao indivíduo a perceber que existem direitos e deveres a serem respeitados para garantir sua participação na sociedade.

Relata Freire (1996):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante,

transformada, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1996, p. 46).

Piaget leva adiante sua visão sobre os fatores biológicos, ele nega as considerações apenas da maturação, Piaget (1974).

As estruturas relacionadas às temáticas das lógicas do raciocínio devem compreender que: "[...] a aprendizagem não confunde necessariamente com o desenvolvimento, e que mesmo da hipótese segundo a qual as estruturas tese segundo a qual as estruturas lógicas não resultam da maturidade mecanismos inatos somente, o problema subsiste em estabelecer se sua formação se reduz a uma aprendizagem propriamente dita ou depende de processos o quadro do que designamos habitualmente sob este nome (PIAGET, 1974, p. 34).

Podemos concluir que os estímulos têm uma força de grande valor na vida da criança que resultará na própria aprendizagem.

Explica Davis (1994):

A aprendizagem, na visão ambientalista, pode assim ser entendida como processo pelo qual o comportamento é modificado como resultado da experiência. Além das condições já mencionadas para que a aprendizagem se dê estabelecimento de associações entre um estímulo e uma reposta e um reforçador, é importante que se leve em conta o estado fisiológico e psicológico do organismo. Crianças com fome tornam-se apáticas: não prestam atenção aos estímulos, não conseguem discriminá-los, não percebem as associações que estes provocam. Como conseqüência, não conseguem aprender. Crianças privadas de afeto tornam-se excessivamente dependentes da aprovação da professora: são incapazes de tomar iniciativas, por medo de que a sua maneira de comporta-se provoque sanções e reprimendas. (DAVIS, 1994, p. 19).

É preciso esclarecer dos dois eixos de pesquisa diagnóstica para contextualizarmos e em seguida organizar o laudo e a entrevista. Porque geralmente a avaliação é feita em crianças que não estão tendo um bom rendimento escolar, pois a família traz suas queixas e a partir daí se faz um diagnóstico, para depois se dá a devolutiva, mas não se deve esquecer e deixar o sujeito isolado num determinado ambiente enquanto o processo acontece.

Segundo Weiss (2006):

Essa realidade chega ao paciente pela ideologia dominante nos diferentes grupos em que convive: família, escola, instituições de abrigo de menores, casas comunitárias, etc. que farão a construção do seu imaginário e determinarão o seu modo de viver no dia a dia. Tudo isso define as relações família-escola e as expectativas criadas em relação ao uso do aprendido na escola, ao seu lugar na sociedade, ao "ser cidadão". É preciso integrar os aspectos socioeconômicos na unidade funcional da pessoa que aprende, pois já fazem parte do seu imaginário, do seu modo de se relacionar com objetivos e situações de aprendizagem, assim como interferem também em suas construções cognitivas e afetivas (WEISS, 2006, p. 35).

## INTERAÇÃO EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM

Não se pode culpar o professor, ou seja, atribuir toda a responsabilidade do processo de ensino/aprendizagem nas mãos do professor. Segundo Paes e Scicchitano (2008):

Uma ação preventiva que pode ser desenvolvida está relacionada à atuação do psicopedagogo nos cursos de formação de professores e na escola, junto ao professor, ajudando-o a conhecer e compreender melhor o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de leitura e da escrita de modo a desenvolver estratégias de trabalho pedagógico em sala de aula em que "as situações e as atividades de leitura e

escrita tenham uma função e um sentido reconhecido pelo aluno" (PAES e SCICCHITANO, 2008, p. 156).

Em alguns casos o educador desiste de buscar uma solução para sanar as dificuldades do aluno e assim ele culpabiliza o aluno ou sua família pelo seu fracasso escolar. Segundo Bossa (2000):

[...] é comum, na literatura, os professores serem acusados de se isentarem de sua culpa criam-se barreiras, isto é, sendo mais fácil responsabilizar o aluno ou sua família pelos problemas de aprendizagem. É necessário lembrar da importância de renovar os métodos, quando não está dando certo. Neste momento então o professor precisa da ajuda do psicopedagogo, para direcioná-lo na melhor estratégia a ser utilizada (BOSSA, 2000, p. 14).

Quando o educador já usou todos os recursos que possui ele se sente incapacitado e necessita de ajuda de uma área específica como a Psicopedagogia.

Segundo Ferreira (2008):

A Psicopedagogia é a abordagem que investiga e compreende o processo de aprendizagem e a relação que o sujeito aprendente estabelece com a mesma, considerando a interação dos aspectos sociais, culturais e familiares. O psicopedagogo articula contribui-

ções de áreas como a Psicologia, Pedagogia e Medicina, entre outras, com o objetivo de por à disposição do indivíduo a construção do seu conhecimento e a retomada do seu processo de aprendizagem. E, ainda, busca possibilitar o florescimento de novas necessidades, de modo a provocar o desejo de aprender e não somente uma melhora no rendimento escolar. (FERREIRA, 2008, p. 141)

O acompanhamento do psicopedagogo é de inteira importância para auxiliar na identificação e na descoberta dos problemas que afligi no processo do ensino/aprendizagem. Para tanto, este profissional está capacitado a lidar com as diversas dificuldades, pois tem um conhecimento científico que dá embasamento nos processos de aprender. Cabe a ele toda a solução dos problemas de aprendizagem, através de realizações o diagnóstico, deve intervir na criação de métodos ou técnicas próprias. A relação que existe entre o psicopedagogo, professor e família é muito importante, pois juntos devem procurar a definição de atividades com o objetivo de combater os efeitos prejudiciais aos alunos com dificuldades.

O profissional de psicopedagogia auxilia com a elaboração de trabalho junto com a família e a escola frente às dificuldades no processo do aprender, terá que achar uma solução mais clara no momento mais adequado para cada caso diagnosticado. É preciso que o educador tenha uma satisfação em ensinar para que possibilite o prazer do aluno em aprender. O professor que é comprometido com a educação deseja sempre que seu aluno construa o conhecimento para a vida.

Segundo Bossa (1994):

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia segundo vimos afirmando, numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito. (BOSSA, 1994, p. 29)

Tem que haver um caminho de interação. A família logo também é responsável por esse processo, assim como também o Estado. Conforme a Constituição Federal Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Psicopedagogo assume um papel com o aluno no momento de procurar desenvolver atividades que ajudem na aprendizagem. O seu papel é indagar, de avaliar a situação e procurar ajudar aplicando métodos que favoreçam a aprendizagem e a resolução dos problemas que impedem o aluno no momento de aprender.

Quando a criança chega no primeiro dia em sala de aula ela já é carregada de experiências trazidas de seu convívio familiar e ali ela aprenderá com a experiência do outro, a ver as coisas de outra forma, saber comparar com seus conceitos, com sua realidade de vida. As experiências positivas serão importantes no momento da interação, mas as negativas já serão um dos pontos cruciais para ocasionar as dificuldades, seja nos relacionamentos ou na própria aprendizagem.

É visto que já de início nas séries iniciais existe um processo de dificuldade. Porém, a escola precisa se atentar a essas dificuldades de aprendizagem, para que, seus educadores possam desde já tomar as providências cabíveis para combater esses fatores. Portanto, a escola deve auxiliar para ser mais precisa, oferecendo palestras, fazendo reuniões com os pais e junto de toda a sua equipe de professores, para chegarem a um resultado que favoreça os alunos.

Para evitar o fracasso escolar, a escola deve estar atenta a assiduidade do aluno, pois a falta de comparecimento às aulas compromete sua aprendizagem.

Para Tiba (2002):

A repetência escolar começa já nas primeiras provas do ano, quando o aluno vai mal em algumas matérias. O importante é recuperar-se quanto antes, sem deixar para última hora. Se os pais acompanharem o rendimento escolar do filho desde o começo do ano, poderão identificar precocemente essas tendências e, com o apoio dos professores reativar seu interesse por determinada disciplina em que vai mal. (TIBA, 2002, p. 186 e 187)

Não resta nenhuma dúvida que os pais têm um papel relevante de acompanhar e auxiliar o aprendizado do filho em todo processo escolar, em parceria com a escola e professores.

A alfabetização não é um processo que se desenvolve relativo ao tempo ideal, isto é, na maioria dos casos o processo inicial não termina ao findar as séries primárias. Entretanto, Ferreiro (1999) defende que as crianças entre todos os grupos, são as mais fáceis de alfabetizar, porque o processo de aprendizagem está sempre em contínuo desenvolvimento.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes.

Essas são as que terminam de alfabetizar na escola, mas começaram alfabetizar

muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p. 23).

Diante do exposto, fica evidente que a criança se apropria de um contexto de informação que resulta na definição que permite a mesma interagir com a língua escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, de natureza transversal não tem sido fácil levar adiante essa tarefa em alcançar o objetivo no sentido de transformar o meio cultural, social e político que compõem nossa sociedade brasileira em âmbito educacional.

Para que isso aconteça deve ser pensadas e elaboradas novas estratégias, com a participação de todos em querer fazer de sua prática um processo de melhor intervenção.

A família com a responsabilidade de formar o caráter e induzir valores morais e culturais. A escola com o papel de formar cidadãos pensantes. Para que esse progresso aconteça, deve ser respeitado o tempo de cada um, pois cada ser é único e seu desenvolvimento é formado pela sua capacidade intelectual e o seu crescimento se dá através de auxílios e estímulos.

Mas é importante que cada ser queira ser, aquele que soma, transforma. Para haver uma transformação no ambiente escolar sempre devemos olhar o que pode ser mudado, porque são tempos novos tecnologicamente informatizados.

Assim, o novo é sempre um desafio. Para vencer esse desafio o educador deve descruzar os braços e procurar manter-se informado e atualizado, para acompanhar a evolução da informação para resgatar a autoimagem distorcida da criança. E para tanto, o educador deve compreender as dificuldades de aprendizagem e inserir a criança na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BORGES, Cecília Maria Ferreira. O professor da educação básica e seus saberes profissionais. 1. ed. Araraquara; JM, 2004, p. 178.

BOSSA, Nádia. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, (1994, p. 29).

BRASIL, Constituição Federal do, 1988.

DAVIS, Claudia; Oliveira, Zilma de. A psicologia na Educação. 2º Ed. São Paulo; Cortez, (1994. P. 12 e 13).

FERNANDEZ, Alícia. A Inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRA, Lucia Gracia. Duas Visões Psicopedagógicas sobre o Fracasso Escolar. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, nº 77, São Paulo: ABPp, 2008. Disponível em: Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia - Duas visões psicopedagógicas sobre o fracasso escolar (revistapsicopedagogia.com.br) Acesso 18/10/2012

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 14 ed. São Paulo: Cortez Editora.

FONSECA (Stefanato IS, Loureiro SR, Linhares MBM, Marturano Em. Auto conceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamentos. Psicologia em Estudo. (2003; 8 (1): 67-76)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, (1996, p. 46)

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. Módulo; Dificuldades de aprendizagem. Vila Velha - ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública – a pedagogia críticosocial dos conteúdos. São Paulo, Loyola, (1985, p. 45)

PAES, Michele Fabiano A.S.; Scichitano, Rosa Maria Junqueira. 20 anos depois: uma pesquisa sobre problema de aprendizagem na atualidade. Revista da associação Brasileira de Psicopedagogia, (Artigo, nº 77, São Paulo: ABPP, 2008.

PATTO, M. H. S. Teoremas e cataplasmas no Brasil monárquico. Novos Estudos Cebrap, n. 44, (p.180-99, mar. 1996)

PERRENOUD, Philippe. A formação dos professores no século XXI. Porto Alegre: Artmed, (p. 11-33, 2002)

PIAGET, Jean. Aprendizagem e conhecimento. In: Aprendizagem e conhecimento tradução Equipe da livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, (1974, p. 34)

POLITY, E. Pensando as dificuldades de aprendizagem à luz das relações familiares, In: (1998, p. 73)

REGO, Teresa Cristina. VYGOSTKY: uma perspectiva histórica cultural da educação. 11 Ed. Petrópolis, EJ, Vozes, (2001, p. 59)

RIOS, Terezinha Azeredo. Ética e competência / Terezinha Azeredo Rios – 9.

Ed – São Paulo, Cortez, (2000, p. 70) – (Coleção Questões da nossa época; v. 16)

SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, (p. 251 e 252)

TIBA, Içami. Quem ama educa. 165º edição. São Paulo: Gente. (2002, p. 186)

WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia clínica. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 14º Ed. Editora: DP&A / Lamparina. (2012, p. 12 e 13)

WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia clínica. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 14º Ed. Editora: DP&A / Lamparina. (2012, p. 35)